

Wildes Souza Andrade

Graduando em Ciências Sociais

ENTRE A CASA, A ROÇA E A RUA: RELAÇÕES ECONÔMICAS ENTRE OS TAPUIOS DO CARRETÃO

Resumo: Este texto apresenta uma proposta de estudo etnográfico acerca das relações econômicas de produção, distribuição e consumo entre os Tapuios do Carretão, analisando as formas de socialidade (OVERING, 1999) e a experiência vivida (VIEGAS, 2007) deste grupo indígena. Estas duas noções permitem compreender os aspectos prosaicos da vida no Carretão: a produção agrícola e a prática do troca-dia no trabalho da roça, a distribuição - a partir das redes de parentesco e lealdade - de bens oriundos da aposentadoria dos indígenas idosos, o consumo e as sociabilidades relacionados ao consumo de cachaça, entre outras situações da vida cotidiana. Assim, esta proposta etnográfica se distancia do que se tem chamado de antropologia histórica (OLIVEIRA, 1999), perspectivas que concebem os povos indígenas, fundamentalmente, a partir das reações exógenas dos processos de ocidentalização.

Palavras-chave: Tapuios do Carretão, relações econômicas, cotidiano.

**ENTRE A CASA, A ROÇA E A RUA:
RELAÇÕES ECONÔMICAS ENTRE OS TAPUIOS DO CARRETÃO**

Wildes Souza Andrade¹

Resumo²

Este texto apresenta uma proposta de estudo etnográfico acerca das relações econômicas de produção, distribuição e consumo entre os Tapuios do Carretão, analisando as formas de socialidade (OVERING, 1999) e a experiência vivida (VIEGAS, 2007) deste grupo indígena. Estas duas noções permitem compreender os aspectos prosaicos da vida no Carretão: a produção agrícola e a prática do *troca-dia* no trabalho da roça, a distribuição - a partir das redes de parentesco e lealdade - de bens oriundos da aposentadoria dos indígenas idosos, o consumo e as sociabilidades relacionados ao consumo de cachaça, entre outras situações da vida cotidiana. Assim, esta proposta etnográfica se distancia do que se tem chamado de antropologia histórica (OLIVEIRA, 1999), perspectivas que concebem os povos indígenas, fundamentalmente, a partir das reações exógenas dos processos de ocidentalização.

Palavras-chave: Tapuios do Carretão, relações econômicas, cotidiano.

Este estudo tem por finalidade analisar os esquemas simbólicos que constituem as relações econômicas do cotidiano dos Tapuios do Carretão e suas relações com o âmbito doméstico. Para isso, é imprescindível a contribuição teórica da antropologia econômica para esta reflexão. Parto da ideia de que toda ação prestada, de troca ou de reciprocidade, sem expectativa imediata de retorno, serve para manter e reproduzir a socialidade.

A antropologia econômica critica a construção epistemológica da ciência econômica clássica. Esta crítica, defendida por antropólogos como Marshall Sahlins (1978), converge para o pretenso e inválido universalismo do cálculo econômico - a economia restrita à concepção monetária - que criou um monopólio semântico da

¹ Graduando em Ciências Sociais na Universidade Federal de Goiás.

² Trabalho desenvolvido sob orientação da Professora Mônica Thereza Soares Pechincha.

categoria economia, eliminando a possibilidade de outros sentidos. Assim como o parentesco, a religião, a arte, a economia também é plausível de significação. Igualmente, a economia tem uma conotação simbólica, configurando-se como uma eleição cultural, dentro de um leque de possibilidades culturais. Cada grupo de pessoas tem a opção por uma economia em detrimento de outra.

Pretendo descrever a modalidade doméstica da produção econômica dos Tapuios, possibilitando reconhecer seu sistema econômico. A bibliografia existente sobre esse grupo indígena indica a proeminência das relações familiares diárias de produção, circulação e consumo - de serviços, recursos, objetos e bens -, subordinados à lógica da reciprocidade. Nesse sentido, uso a noção de socialidade (OVERING, 1999) enquanto práticas e expressões da vida cotidiana, para, a partir dela, entender a alteridade dos Tapuios em relação aos não-indígenas. Nesta abordagem, devo considerar a dinâmica do dia-a-dia repleto de significados e confrontar perspectivas que enquadram os Tapuios em categorias que ressaltam seus supostos poucos recursos para marcar diferenças sociológicas.

Os Tapuios do Carretão são um grupo indígena do noroeste do estado de Goiás, cuja constituição é resultante da política de aldeamentos indígenas do século XIX. Esta política, em conjunto com outros processos da Conquista, provocou a sua invisibilidade étnica histórica no cenário político nacional até meados do século XX (OSSAMI DE MOURA, 2006, 2008). A identificação dos indígenas do Carretão como Tapuios formalizou-se em 1990, quando a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) homologou a demarcação do território Carretão, reconhecendo a identidade indígena dos Tapuios. Posteriormente, passaram a ser classificados numa das mais recentes categorias da etnologia indígena: *índios emergentes*.

A prática do *troca-dia*, permuta de mão-de-obra mútua entre os Tapuios (OSSAMI DE MOURA, 2006, 2008), como pude observar³, exige uma análise meticulosa

³ Realizei observação direta na Área Indígena do Carretão entre 25 a 30 de Março de 2010 e conversei informalmente com alguns indígenas. Além disso, fui monitor nas disciplinas de *Cultura e Trabalho* e

da reciprocidade, ligada à sociabilidade, que remete à existência de vínculos comunitários que unem as pessoas do Carretão. Ainda, a reciprocidade pode ser uma forma de conduta desenvolvida entre famílias elementares e pessoas que estabelecem alianças simbólicas e materiais umas com as outras, baseado no processo social da afinidade.

A partir de uma convergência epistemológica entre antropologia e fenomenologia, trilhando o caminho inaugurada por Joanna Overing (1999) e Susana Viegas (2007), há de certo modo, uma equivalência do conceito de socialidade da primeira antropóloga à sua idéia de experiência vivida - uma dimensão de intersubjetividade. Nesse sentido, experiência vivida e socialidade convergem ao se inserirem numa antropologia da vida cotidiana criticando a noção de sociedade – a reificação do social -

Os espaços para os Tapuios são significados conforme sua rotina. A casa é um lugar onde prevalece o trabalho produtivo das mulheres, o consumo de alimento por ambos gêneros e, sobretudo, é o espaço privilegiado para trocas – é comum uma família visitar a casa de outra levando regalos. Essas visitas resultam em horas de conversas sobre assuntos variados, que são acompanhadas por pequenas doses de café ofertado pela dona da casa.

Também, é em casa que geralmente se consome cachaça, porém o consumo desta, conforme Viegas (2007) igualmente observou entre os Tupinambás de Olivença, não é coletivo: as pessoas bebem cachaça nas suas próprias casas, servindo-se individualmente. O estudo do consumo da cachaça é importante pois antes desse gerar o alcoolismo – uma pauta da saúde pública -, o consumo é feito a partir de formas recíprocas de interação e associação que são repletas de significados.

Rua é uma categoria nativa entre os Tapuios que faz alusão a cidade – a cidade de Nova América ou Rubiataba, as duas cidades mais próximas da área indígena – contrapondo a ideia de ruralidade, por mais que as cidades ao redor sejam muito

Território e Terras Indígenas no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (Etapa 1/2008) do Núcleo de Formação Superior Indígena Takinakaky da Universidade Federal de Goiás (UFG) e na oportunidade também conversei com os Tapuios.

pequenas. Pelo menos uma vez ao mês cada pessoa do Carretão vai a *rua*⁴ para fazer compras no mercados, realizar um tratamento de saúde que não pode ser feito no área indígena ou para ir ao banco retirar o dinheiro da aposentadoria.

A partir das últimas décadas do século XX vários indígenas brasileiros obtiveram aposentadoria na condição de assegurado especial da previdência social por ser trabalhadores rurais indígenas. Além dos indígenas aposentados, os salários dos professores da escola indígena da Área Indígena do Carretão e dos agentes de saúde e as pensões contribuíram para o aumento do dinheiro entre os Tapuios. Consequentemente, uma maior circulação de dinheiro e a monetarização das relações sociais desses indígenas. Conforme observou Gabriel Alvarez (2009), os Sateré-Mawé empregam o dinheiro dos indígenas aposentados na compra de anzóis para pesca, sal, café, óleo de cozinha e açúcar – produtos comprados na cidade. Do mesmo modo, os Tapuios gastam seu dinheiro na *rua*, adquirindo também alimentos já prontos para o consumo: pão, biscoitos, refrigerantes, frutas e verduras.

Ainda, faz-se necessária uma discussão acerca das questões de gênero interseccionando com trabalho para compreensão da produção indígena na *roça*. Segundo Strathern (2006) o trabalho das mulheres tem sido responsável pela reprodução social das unidades familiares em várias culturas. Nesse sentido, para pensar também o trabalho das mulheres indígenas do Carretão, ambiciono demonstrar como, entre os Tapuios do Carretão, a socialidade é construída no curso da vida diária, com distintos modos de relações sociais entre homens e mulheres. Os homens aprendem a trabalhar na roça e a estabelecer relações políticas com as pessoas externas ao âmbito doméstico. Cabe ao homem ir à *rua* para resolver algumas demanda da família, como por exemplo, buscar insumos para a agricultura. Plantar e colher, isto é, o trabalho na agricultura é a principal atividade do homem do Carretão. As atividades femininas são a contrapartida da masculina; as mulheres são responsáveis por processar os produtos e as aquisições masculinas, tornando-os apropriados ao consumo doméstico. Depois de feminilizados, os produtos são servidos

⁴ Todavia alguns indígenas chegam a frequentar quase que diariamente a cidade, devido à emprego, educação ou saúde.

pelas mulheres, confirmando assim, sua faculdade de presentear os que vão consumir. Essas relações de gênero são interrelacionadas e podem fornecer elementos importantes para abranger os arranjos simbólicos da produtividade dos Tapuios.

Para Strathern (2006) masculinidade e feminilidade são dimensões experienciais das pessoas, que levam em conta os discursos vivenciados cotidianamente, assim como para Butler (2003), gênero deve ser entendido como performance, isto é, uma atuação de discursos incorporados produzidos num determinado contexto sócio-cultural. Portanto, parto da assertiva que os Tapuios, assim como qualquer outra cultura, atribuem diferenças entre homens e mulheres, construindo valores diferenciados, associadas ao feminino e ao masculino. Embora existam as diferenças e as oposições relacionadas com o gênero, o que se salienta é o caráter relacional dos percepções masculinas e femininas, construídas por meio de relação de contraste (Strathern, 2006).

No estudo etnográfico que proponho pretendo desconstruir a ideia de que toda experiência social é marcada pelas lógicas construtivas do pensamento ocidental (Strathern, 2006). Sendo assim, a proposta teórica dessa autora me permitirá desnaturalizar um conjunto de construções analíticas que enquadram as relações econômicas dos Tapuios no limiar entre um sistema econômico indígena e um camponês. Os principais escritos sobre os Tapuios os classificam a partir da noção de campesinato indígena, categoria cunhada por Roberto Cardoso de Oliveira ainda na década de 1970 (SILVA, 1998; OSSAMI DE MOURA, 1996, 2000, 2006, 2008). O que estará em causa são as formas de ser homem e mulher entre os Tapuios do Carretão – a construção do ser a partir das concepções simbólicas – e não se eles são antes sertanejos, camponeses ou indígenas.

Referências

ALVAREZ, G. O. . "No soy mandado, soy jubilado". Previsión social y pueblos indígenas en el Amazonas brasileño. In: SILVA, Crithian Teófilo da; LIMA, Antônio Carlos; BAINES, Stephen Grant. (Org.). *Problemáticas Sociais para Sociedades Plurais. Política*

indigenista e de desenvolvimento em perspectiva comparada. 1 ed. São Paulo: Annablume, 2009.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero – Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. Uma etnologia dos ‘índios misturados’?: situação colonial, territorialização e fluxos culturais. In *A Viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*, João Pacheco de Oliveira Filho (org.), Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1999.

OSSAMI DE MOURA, Marlene Castro. Os Tapuya e a territorialidade: fortalecimento da consciência étnica. *Revista de Divulgação Científica IGPA/UCG*. v. 01, n. 01. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 1996.

_____. *Les Tapuios du Carretão: Ethnogen’sse d’um groupe amérindiem de l’etat de Goiás (Brésil)*. Tese de Doutorado em Antropologia – Strasbourg, 2000.

_____. Tapuios do Carretão. In: Marlene Castro Ossami de Moura. (Org.). *Índios de Goiás: uma perspectiva histórico-cultural*. Goiânia: Editora da UCG, 2006.

_____. *Os Tapuios do Carretão: Etnogênese de um Grupo Indígena do estado de Goiás*. Goiânia: Editora UCG, 2008.

OVERING, Joanna. Elogio do cotidiano: a confiança e a arte da vida social em uma comunidade amazônica. *Mana*. vol.5, n.1. Rio de Janeiro, 1999.

SAHLINS, Marshall. A primeira sociedade da afluência. In: Carvalho, E. (org.). *Antropologia econômica*. São Paulo: Ed. Ciências Humanas, 1978.

SILVA, Cristhian Teófilo da. “Parado, bobos, murchos e tristes” ou “caçadores de onça”? *Estudo sobre a situação histórica e a identificação étnica dos tapuios do Carretão (GO)*, Monografia (Graduação). Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva*. Campinas: Editora Unicamp, 2006.

VIEGAS, Susana de Matos. *Terra Calada: os Tupinambá na Mata Atlântica do Sul da Bahia*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.